Salomão Rovedo



O bêbado pede desculpas e cai

Rio de Janeiro
2018

Salomão Rovedo

O bêbado pede desculpas e cai
(Novela)

Rio de Janeiro
2018

O bêbado
Paulo Mendes Campos

(...)
O bêbado quer morrer, se desfazer,
Andando sem vontade sobre a terra
Que oferece a seus pés o espaço hostil.
Seu ideal é simples, geométrico,
E o sorriso em que fala ao transeunte
É um sorriso de paz e de ironia.
Nós que andamos certos e orgulhosos na manhã.
E nos apossamos do dia como nosso território natural,
Como entenderemos este ser obscuro
Cujos passos se extraviam e se afastam de nós
E se aproximam de novo e se perdem em atropelo?
Quando seu rosto se inclina para o chão
E outra vez se levanta com um sorriso de paz e de ironia,
Sentimos uma luz de mentira em seus olhos
E tontos de lucidez nos disfarçamos.

****

Embriaga-te
Charles Baudelaire

Deve-se estar sempre bêbado. Está tudo aí: é a única questão. A fim de não se sentir o fardo horrível do tempo, que parte tuas espáduas e te dobra sobre a terra, é preciso te embriagares sem trégua. Mas de quê? De vinho, de poesia ou de virtude, a teu gosto. Mas embriaga-te.

(Trad. José Lino Grünewald, 1991)

****

Estou literalmente desesperado, não aguento mais esta vida do Rio, e ou acabo comigo ou não sei. Pra disfarçar as mágoas, vivo bêbado. Tomo porres colossais, dois três por semana. O último médico que me examinou, poucos dias faz, me garantiu que tenho todas as vísceras esculhambadas pelo álcool e estou condenado à morte.

Mário de Andrade, carta a Paulo Duarte.

I

Fica cada vez mais difícil contar essa história, que pretendia fosse memorialística. Comecei com o título, o que já é mau sinal. "O alcoólatra pede desculpas e cai", escrevi com orgulho e mostrei a vários amigos. Um deles, mais afoito, simplificou: "Genial!". Mas, desconfiado com o foguetório, me embatuquei com a facilidade com que o título veio, bateu aquela *mea culpa* de plágio, de *sequestro*, que me aflige desde que comecei a ler o blog de Denise Bottmann. Pensei: – Será que já não li isso nalgum lugar? Num conto de Luiz Vilela ou Lígia Fagundes Telles ou Dalton Trevisan ou Maria Amélia Melo ou Breno Accioly? Ou em crônica de Joaquim Itapary ou artigo de Napoleão Saboya ou conto de Fernando Braga? Sei lá! E fica cada dia mais difícil saber de qual dos escritores brasileiros li esse negócio.

Resolvi consultar a amiga Marilza, que, antes, precisa ser apresentada. Marilza, como eu e outros podem prever, também bebe demais, é um tipo de amiga onisciente que aparece de sem mais nem menos nos lugares mais recônditos onde me escondo para encher a cara. Ainda não descobri quem me dedura. Ela chega já chapadona e na hora exata em que estou ficando bêbado. Daí para frente, pulando de um em um, vamos fechando todos os bares. Depois acordo em casa sem lembrar nada. Mas – não me perguntem como – Marilza não esquece nada. O álcool que ingere atua ao contrário: a memória dela vira uma biblioteca.

Então, ligo para ela e com aquela voz de óleo queimado que todo bêbado tem apresento o problema do título do conto. Nada disso, ela me disse. Tudo besteira. Não é conto nem crônica nem nada. É um romance de Fausto Wolff, que conheci, bêbada, no Pasquim. Lembra aquele artigo do Fausto em que o Zé Andrade aparece com a máscara de Van Gogh pintando uma modelo nua? Pois a modelo sou eu. E desligou.

Fui dormir em paz deixando a questão como resolvida, disposto a não cometer plágio. Mas o sono é bicho traiçoeiro. Sonhei que a Denise Bottmann escreveu um artigo me esculhambando, com denúncia de plagiário. No dia seguinte acordei e vi que tudo tinha sido um pesadelo, mas corri para a internet, claro. Peguei os mecanismos de pesquisa, Google, Ask, Bing, Wikipédia, GoGoDucky – a maioria, enfim, para definir quem eu estava plagiando. E descobri. O título original é: "*O acrobata pede desculpas e cai*". Para ver como a memória trata os bêbados! Foi sequestro – como diria Mário de Andrade quando se inspirava em poesias e temas do amigo Manuel Bandeira.

No rastro da informação de Marilza, encontrei o livro: *O acrobata pede desculpas e cai,* José Álvaro Editor, 1966. Sai o trapezista, entra o acrobata. Sai o conto e entra o romance, sai o cronista entra o gaúcho Fausto Wolff, nascido em 1940 e falecido no Rio em 2008. Grande panfletário, Fausto Wolff foi parar no Pasquim. Mas já era famoso pelos artigos que saíam nos maiores jornais e revistas do país, com direito a fã clube e tudo. Depois da descoberta decidi manter a adaptação do nome em justa homenagem ao verdadeiro Faustão (não esse da Globo), com quem esbarrei duas ou três vezes no antigo Bar Jangadeiro, na praça Gal. Osório, Ipanema.

Fausto Wolff era grandão, um armário de 2m de altura, encouraçado com uma massa corporal que se aproximava dos 200 kg, cujos sapatos se acercavam do número 50 – uma prancha! Carregava fama de grande bebedor de chope, notoriedade que defendeu num concurso ao qual nem estava inscrito. Foi em Blumenau onde ele foi para lançamento do romance *À Mão Esquerda*, com o qual ganhou o Prêmio Jabuti. Após o ritual, pequena palestra e sessão de autógrafos, ele foi literalmente sequestrado por amigos e

levado a visitar a cidadezinha de Timbó, terra do poeta catarinense Lindolf Bell e da cervejaria de Brunhard Borck.

Em lá chegando, cansados, caíram na cerveja e na comilança. Os nomes das personalidades foram divulgados aos frequentadores, o que provocou aplausos, gritos de boas-vindas e a inscrição *ex-officio* de Fausto Wolff para o desafio de bebedores de cerveja, enfrentando o campeão local. Para encurtar a história, Fausto Wolff venceu a competição e logo retornou à mesa para comemorar a vitória, bebendo cerveja, claro.

Então, como homenagem a Fausto Wolff, deixo a adaptação do título neste este conto, pois, de acordo com as normas internacionais estabelecidas pela Organização Mundial da Saúde da ONU – a famigerada OMS – suponho que somos dois dignos alcoólatras. Não recuso a honraria, ao contrário de Jaguar, colega de Fausto no Pasquim, que em programa da TV jurou de pés juntos que não era alcoólatra, era apenas *apreciador*. Mas isso é outra história.

Sai o trapezista, entra o acrobata – sai o acrobata, entra o bêbado.

II

Tenho convicção de que a única pessoa que não pode escrever uma autobiografia é o bêbado. O alcoólatra bebe demais por qualquer razão: se estiver eufórico, bebe; se estiver depressivo, bebe; se encontra amigos, bebe; se morre alguém próximo, bebe; se estiver alegre, bebe; se estiver triste, bebe; se estiver acompanhado, bebe; se estiver só, bebe. E beberá sempre por qualquer motivo e ainda que não tenha motivo algum.

“A vida é um absurdo porque acaba na morte e, como dizia Camus, o homem vive e não é feliz. Essa constatação é

tão angustiante que, ***sem uma garrafa ao alcance da mão,*** *é difícil resistir à tentação de não dar um tiro na têmpora".* – escreveu Fausto Wolff em seu último artigo publicado no Caderno B, do Jornal do Brasil.

Por isso, o alcoólatra jamais poderá escrever suas Memórias: ao invés de escrevê-la – se tiver intenção – estará bebendo ou procurando razão para beber. E depois de beber estará impedido de escrever porque o excesso de bebida trará a *amnésia temporária*. Temporária, mas suficiente para esquecer tudo o que ocorreu entre a bebedeira e o dia seguinte. Toda a pesquisa que fiz – com a ajuda preciosa de Marilza, claro – está resumida aqui.

Marilza não quer ser citada de jeito nenhum, foi o que me disse no último pifão. Mas consegui que aceitasse uma citação aqui outra ali. Passar em brancas nuvens, isso é impossível. Ela aceitou minhas explicações, sabendo que a amnésia alcoólica não é desculpa de quem bebeu demais, de quem deu vexame, de quem prefere não se lembrar das merdas que fez. Por via das dúvidas troquei o nome original dela por Marilza.

Enfim, Marilza, mais que ninguém, sabe que sob o efeito do álcool a gente perde a capacidade de conversar ou executar atos normais e quando fica sóbrio não consegue lembrar o que aconteceu. Após a embriaguez, por um milagre inexplicável da natureza, o álcool age no cérebro e apaga todas as informações da memória. Esse nocaute mental é a proteção que a natureza criou para desagravar o inconsciente, tirar do bêbado a responsabilidade psíquica, aliviar o peso da consciência. Mas ela está imune a esses lapsos... E se fizer merda não livra da cadeia.

Por isso a presença dela aqui é mais que inevitável, é imprescindível. Ajudará a entender o destino do chamado bêbado crônico (que ela sabe mais do que ninguém), a

amnésia que o acomete quando abusa do álcool, ou seja, a qualquer momento. Não sou como os bebedores esporádicos: sou um bêbado. O bêbado fica incapacitado de tudo, não se importa com o risco de doenças, avecês e pressão alta. Sabe aquele apito no ouvido que só você escuta e que fez Van Gogh cortar a porra da orelha? Eu tenho, mas não ligo nem vou cortar minha orelha: sou bêbado, mas não sou maluco.

Então, o que salva o bêbado é a amnésia, que pode degenerar para a Síndrome de Korsakov (vindo de famosa marca de vodca). Neste caso o a amnésia se expande, deixa de atuar só sobre os fatos do porre, mas também sobre o passado e o futuro. O velho vai à padaria e esquece o que foi fazer, esquece o caminho de volta para casa. Isso já ocorreu, deu nos jornais. A culpa é do Alzheimer, não do alcoolismo. A pessoa acorda sem fazer a menor ideia do que aconteceu, é comum, é o gatilho bioquímico, salvaguarda dos bêbados para esquecer o que aconteceu durante a carraspana. Esse blecaute alcoólico é a lavagem cerebral inventada pelo DNA. O apagão faz o bêbado lembrar apenas as lembranças boas. Toda a merda que o bêbado apronta desaparece da cabeça como por milagre.

III

A história que *"Deus protege as crianças e os bêbados"* é só meia verdade. É certo que para as crianças Ele dá algum tipo de proteção, porque senão elas ficariam à mercê do Diabo, exagerando nas travessuras, antecipando a sexualidade prometida para depois. Psicanalistas acham que isso não é outra coisa senão a busca pela liberdade, genética remetida por Adão e Eva – que trocaram o Paraíso pelo livre-arbítrio. O Paraíso do bêbado é esse esquecimento involuntário – que também virou matéria freudiana. Os bêbados não guardam nem a memória dos imbecis, segundo a lei de Ribot. O fato é que a amnésia teve que ser recortada

como boi no matadouro para que dela se apartasse o filé mignon da carne de pescoço. Assim foi.

Porca miséria! Para que fui me meter nisso? A loucura da internet me levou por caminhos que não cabem nesta história. Para que serve a *hipomnésia* – a diminuição da função mnésica? E a *amnésia lacunar* – variedade da *amnésia de fixação,* quando houve o "verdadeiro rictus amnésico"? E a amnésia *anterógrada* – incapacidade de guardar fatos novos na psicose de Korsakov. Porra! Pensei que Korsakov fosse nome de vodca. Meu! Isso é puro espiritismo! Tô fora!

Portanto, para escrever esta história vou pular a *amnésia de recordação,* a *amnésia retroanterógrada,* a *hipermnésia* (ainda que seja uma capacidade de *mnésica elevada*). Passo longe também da *paramnésia* e a porrada de amnésias subliminares, isso porque gostaria de me fixar na amnésia alcoólica. Apesar do quê, tenho interesse pessoal em estudos sobre a memória porque sou aficionado do xadrez, jogo que traz outro caralhão de fábulas, anedotas, mistérios e rabugices iguais às tratadas na amnésia, como se fossem antônimos, espelho do mesmo paradigma. A amnésia alcoólica nasceu para transformar o paradigma em disparate.

Também não vou entrar no mérito do absurdo nas pesquisas, pois então iria cair no buraco do coelho inventado por Lewis Carroll em As Aventuras de Alice no País das Maravilhas:

"*Ainda garotinha, Alice Kingsleigh visitou um lugar mágico pela primeira vez e não tinha mais lembranças sobre o local a não ser em seus sonhos*".

Alice escorrega numa toca de coelhos e é transportada a um lugar fantasioso, povoado por criaturas estranhas. Toda a escrita, feita para crianças, transmite a lógica do absurdo, característica do sonho e da amnésia posterior à

imaginação, ou seja, coisa de bêbado. Será que Lewis Carroll estava de porre quando escreveu Alice? Não sei. Prefiro, porém, transitar pelas fronteiras da ciência e da fé, pois a memória é feita de momentos: bons, ruins, divertidos, de aprendizado e conhecimento, porém para nos lembrarmos deles tudo depende do cérebro. Se for verdade que Lewis Carroll escreveu a história de Alice quando estava bêbado, não foi depois, mas durante o porre.

Uma das lembranças que Marilza me transmitiu foi a de que eu estava abraçado a uma mulher. Trocávamos beijos. Quem terá sido? Decerto Marilza é um espírito iluminado que chega ao outro lado consciente de tudo que aconteceu. Quando nos encontramos – os dois bêbados – nós estudamos juntos toda essa situação e depois de tudo, prometemos rir dos que não creem estar mortos, continuam a agir como os vivos, assistem ao próprio funeral e acham que é sonho.

E pensar que tudo começou quando nós, mesmo bêbados, fomos assistir ao filme Ghost no qual Demi Moore tenta se comunicar com Patrick Swayze através da médium de araque Whoopi Goldberg. Após assistir ao filme, decidimos beber mais umas e o assunto foi especular se o relatado no filme era possível. Marilza acha que sim, que há vida depois da morte, tudo é possível. Já eu, cá tenho minhas dúvidas: ora concordo, ora discordo. Como estávamos bêbados, caímos na esparrela de prometer que, quem morresse primeiro iria repetir o enredo do filme, isto é, tentar se comunicar com o sobrevivente.

Fizemos isso tudo para não dar o vexame daqueles mortos que ficam circulando ao redor do caixão, entre familiares e amigos, tentando entabular conversa, ignorando o silêncio, a indiferença, sem entender porque alguns choram – porque se sentem vivos. Mas é um sentimento aparente. E depois? Na rua ou em casa, ele tenta se comunicar com naturalidade, mas ninguém contesta suas palavras e por fim

se desorienta: o que está acontecendo? É um filme, é um filme. É apenas um filme.

Morrer leva muito tempo para cair na real, pois se aprende que os bons vão para o céu. O egoísmo faz a gente crer que somos um desses e ficamos esperando que o anjo nos pegue pelas mãos e leve a alma aos céus. Quando enfim percebe que tudo não passa de triste ilusão, quando se dá conta que nenhum anjo virá, que foi traído em suas convicções religiosas, em sua fé, vem a catástrofe: os espíritos ficam perambulando, agarrados aos bens materiais e entes queridos, até ser engolido pelo nada, o vácuo.

IV

Eu e Marilza frequentamos o Centro Espírita Pai Joaquim de Angola para sacramentar nossa preparação e falsear a abstinência que nunca vem. Foi o próprio Pai Joaquim de Angola que – depois de virar um copo de Praianinha – nos atirou nos braços de Santo Onofre. Além das obrigações, oferendas e ebós prometemos saber da vida do pobre eremita barbudo, que se vestia com roupas de riscado e tinha como camisa os próprios cabelos longos, nunca cortados.

Devido à abstinência religiosa, Santo Onofre, que nunca bicou uma cachacinha sequer, é o espírito indicado para derrotar o vício do álcool. Apesar disso, é tradição derramar um pouco de cachaça “para o santo”, nos referindo, claro, a Santo Onofre. Boêmios, grandes bebedores, apreciadores e cachaceiros também convocam o velho ermitão para padroeiro e protetor, porque, segundo reza a tradição, se você beber a ponto de não saber como chegou em casa, pode ter certeza: foi por intercessão de Santo Onofre que chegou a são e salvo.

Tudo o que se sabe de Santo Onofre nos chegou através dos relatos do abade Pafnúcio, datado do ano 400dC e da obra de Eça de Queirós, da qual alguns excertos estão aqui. Eça de Queirós conta que, antes de fundar seu próprio mosteiro, Pafnúcio desejou ser eremita e foi procurar santos que viviam em devoção, isolados em cavernas. Na busca encontrou o velho ermitão Onofre, de quem ouviu tudo sobre os setenta anos de solidão, meditando e adorando o Senhor.

O folclore diz que Onofre é um Santo Forte, que atende pedidos impossíveis. No entanto, para a graça ser alcançada bom mesmo é pedir para o santinho roubado da igreja. Se não funcionar, deixe o Santo Onofre de costas para a bebida. Então, é tiro e queda. Na Bahia e no Maranhão um dos mais poderosos pedidos feitos ao Santo é o das putas atraindo os fregueses, mostrando as partes eróticas. O saco que traz às costas deu ao Santo o infame título infame de padroeiro dos políticos. Ora, roubar o santinho, deixar o coitado de costas para as bebidas, tudo isso é mais infame que ser padroeiro de político, é ou não é?

Nas igrejas um livrinho que contém a vida de Santo Onofre, sua novena, oração e ladainha é distribuído aos bebuns mais notórios. Durante a novena os devotos refletem sobre passagens bíblicas, fazem orações pedindo a cura do bêbado, as rezas são acompanhadas do Pai-Nosso, Ave-Maria e Glória-ao-Pai, Améns. Mas, atenção! A novena não pode ser feita por um bêbado, senão não pega, a graça é negada. No altar onde a imagem do santo está exposta, deixa-se um copinho de cachaça, tiquira, rum ou uísque – depende de quem faz o pedido – encerrando o ritual com a *Oração de Santo Onofre para parar de beber.*

"Ó Santo Onofre! Que tivestes a graça divina de vencer o vício do álcool. Conhecedor as atribulações que o vício proporciona, intercede por mim junto a Cristo, que gostava de um vinho. Santo Onofre estou fraco, preciso da sua força

espiritual e da sua fé; estou doente, preciso de saúde. Santo Onofre, livra-me da tentação do primeiro gole, que é o melhor de todos! Livra-me do vício que nenhum humano pode vencer. Prometo me afastar de todos aqueles que querem me fazer desistir dessa decisão. Ó Santo Onofre, sei que beber é coisa do Diabo, mas preciso de seu poder espiritual, para não beber nunca mais! Afasta-me da bebida, de Satanás, hoje e sempre. Amém."

Cumprimos a novena, mas como nem eu nem Marilza ainda morremos (tampouco paramos de beber) ficou a coisa assim no ar. Por isso e por ser mais cômodo, transferimos a responsabilidade para a ciência: acreditamos piamente que ter amnésia alcoólica é morrer um pouco e que nem Santo Onofre nos livra do vício e do esquecimento póstumo – a amnésia alcoólica.

V

Estava no metrô seguindo para a Praça Mauá quando o celular tocou. Não era um toque qualquer, era um som pornográfico, com gemidos, gritinhos, música ao fundo, decerto gravada desses sites eróticos. Sabe como é: muito ai ai, ui ui, vou gozar, vou gozar, mais, mais, gostoso, gostoso, gostosa, gostosa – e mais uma dezena de grunhidos de sexo explícito. É claro que àquela altura muitos passageiros se viraram para ver de onde saía aquilo, me olhando com a cara mais reprovável do mundo, como se eu fosse um criminoso. Ainda bem que não tinha crianças, mas uns estudantes começaram a rir.

O som se repetiu uma, duas, muitas vezes. Depois de enfiar a mão em vários bolsos consegui achar o telefone que continuava a reproduzir as pornográficas sensações como se fosse ela própria uma orgia. Apertei em alguns botões tentando silenciar a pornografia sonora, sem conseguir. O rapaz que sentava a meu lado me tomou o telefone, correu o

dedo sobre a tela para um lado e me devolveu para atender a chamada. Era Marilza, bêbada naturalmente.

– Marilza! Você é louca? Eu pedi para trocar o som do meu celular, mas não era para botar música de filme pornô! Agora estou no metrô e todo o vagão ouviu essa porcaria e alguns já ameaçam me linchar.

E bem baixinho para que só ela ouvisse:

– Tem uns moleques aqui, uns estudantes, que já estão a ponto de se masturbar. Por outro lado, os senhores e as senhoras sérias, de cara franzida, estão prontos para me dar porrada.

...

– Você é louca? Trata logo de tirar esse negócio do meu telefone. Sei lá! Bota outra coisa. Aquela musiquinha chata "Para Elisa", de Beethoven, por exemplo, serve. Não quero gravação de filme pornô, ora.

...

– Não é filme pornô? Você mesmo gravou ao vivo? Mas que história é essa? Onde você estava para gravar essa porcaria toda e botar no meu telefone, sua devassa?

Eu disse e repeti a frase em tom mais alto para aliviar a barra. Dei uma olhada e vi até uns gestos de concordância com o esporro que eu dava em Marilza.

...

– Como? Você mesma gravou? Em sua casa, no dia da festa? Que festa? Não me lembro de ter ido a nenhuma festa.

...

– Ah. Aquela festa. Mas naquele dia eu bebi tanto que nada me passa pela lembrança. Como sempre – amnésia. Só do dia seguinte, da dor de cabeça, da ressaca. O gato vomitou ao lado de mim na minha cama...

•••

– O quê? Eu bebi dois litros de uísque? Misturei com caipirinha e cerveja? Então tá explicado: como você quer que eu aguente tudo isso? Fiquei chumbado. Não sou mais um rapaz, Marilza. Se você gosta de mim não deixe que isso aconteça.

•••

– É. Sim. Devo ter feito muita loucura. Bêbado só faz merda... Mas ainda assim não consigo entender como você gravou esse maldito som e ainda por cima botou em meu celular!

•••

– O quê? A voz masculina é minha? Ah, não enche...

A essa altura não conseguia mais controlar minha irritação e minha voz troava em todo o vagão. As estudantes riam, os moleques gargalhavam e surgiu até grito de torcida:

“Aí, coroa, tá com tudo, né?”

“Valeu, mandou bem, velho!”

– E outra coisa: aqueles gritinhos de ai ai, ui ui, não são nada verdadeiros. É tudo fingimento teu. É coisa de atriz pornô mesmo. Tenho autocensura suficiente para saber que não estou com essa bola toda, não faço mais ninguém gemer tanto, a não ser de porrada ou dor de barriga.

•••

– Conversa fiada. Você me ama? Ah, me faz rir. Você tá a fim do meu dinheiro, mas também sabe que não sou nenhum Mike Jagger. Sou um durango. Um dia chega, a mixaria acaba, você some...

•••

– Mais o quê, Marilza? Ainda tem mais? Além do uísque, da caipirinha eu tomei dois viagras? Marilza, você é demente?

Sua bêbada! Você não sabe que sofro do coração, que tenho pressão alta? Você quer me matar, Marilza?

...

– Você não viu eu tomar o Viagra? Eu que te contei? Eu devia estar fora de mim... Marilza, se você gosta de mim um pouquinho como diz, não deixa isso se repetir. Pelo amor de Deus!

De novo bem baixinho no ouvido dela:

– Marilza, com dois litros de uísque, caipirinha e dois viagras eu sou capaz de comer até tua mãe...

...

– O quê? Tá rindo de quê? Eu comi? A dona Cremilda? A minha sogra? Aquela voz, aqueles gritinhos, os gemidos, tudo é dela? E você gravando? Sua devassa! Beberrona!

...

– É muita palhaçada tua. Então foi botar isso no meu telefone para me chantagear, né? Coisa de alcoólatra. Um presente? Tá bom... Mas comigo não cola, vá chantagear outro otário, não esse aqui.

...

– Sei, sei. Mas uma coisa que não compreendo é a tua mãe. Se não me falha a memória, aqueles peitinhos, sabe que ela está muito bem para a idade dela? Para falar a verdade te bota no chinelo! Ouviu Marilza? Te cuida. Abre teu olho. Te cuida!

...

– É tudo silicone? Sei. Mas ficou ótimo. O dinheiro foi bem gasto. Foi em Miami? Dr. Décio? É aquele que tem até programa de TV? Valeu, sim, valeu a pena pagar por cada peito US$ 10 mil. Diz que esse Dr. Décio daria jeito até nos peitos da Dercy Gonçalves.

...

– Mas isso não se justifica, Marilza, você me deixar fazer essas coisas. Uísque, dois viagras, caipirinha. Isso é loucura, Marilza, você é doida demais! Você sabe que sofro do coração, que tenho pressão alta. Você quer se livrar de mim, não é Marilza? Você quer que eu morra!

•••

– Se você quer que eu morra para voltar do além para falar com você – igual aquele filme Ghost que assistimos, saiba Marilza, aquilo é um filme. UM FILME! Não é real. Você não é Demi Moore, eu não sou Patrick Swayze e tua mãe não é Whoopi Goldberg.

•••

– E ainda por cima teve a coragem de botar tudo isso no meu telefone? Não! Não precisa mandar mais som, nem foto, nem vídeo! Maluca! Olha, faz o seguinte...

Nesse momento a ligação caiu. Dei graças a Deus. Mas foi por pouco tempo. Daqui a pouco começa tudo de novo: ai ai, ui ui, vou gozar, vou gozar, mais, mais, gostoso, gostoso, gostosa, gostosa, urros e grunhidos de sexo explícito. Desta vez consegui parar o som mais rápido e atender.

•••

– Marilza! Alô, Marilza! Alô. Não me liga mais. Vou desligar. Te ligo depois.

•••

– Ah, é Dona Cremilda? Desculpe, não reconheci a voz. Como vai a senhora? Desculpe mais uma vez: Cremilda, pronto, só Cremilda. Então, como vai você? Sei, lembro sim, claro que lembro. Aquela festa foi de lascar. Você sabe que a louca da tua filha gravou tudo?

•••

– O quê, Cremilda? Foi você que pediu? E botou no meu telefone? E agora, sabe onde estou? No metrô, indo para a cidade e todo mundo – todo mundo, ouviu Cremilda? – todo

mundo ouviu esse som e pela cara poucos aprovaram. Terei sorte se não for processado ou preso.

A essa altura o vagão todo estava ligado na minha conversa. Teve gente que até deixou de saltar para continuar ouvindo. Uma loucura, gritos, assobios, torcida para Cremilda! Cremilda! Torcida para Marilza! Marilza!

...

– Sim. Sim. Entendo. Mas você, sendo mais experiente, não devia ter me deixado beber tanto. Não, não estou chamando você de velha. Aliás, pelo pouco que guardei, o seu desempenho foi excelente. Melhor do que a Marilza! E esses peitinhos *made in Miami*... Espetacular, Cremilda! Fantástico!

...

– Sim, Marilza também me disse que fiz muitas loucuras. Espero que com você também eu não tenha decepcionado. A gente precisa se ver mais vezes, sabe? A Marilza precisa de um rapaz jovem, garanhão, desses que transam jogando game...

...

– Foi? Jura? Lá dentro? Olha, então foi inspiração tua. Nunca fiz isso com outra mulher. Quantas? Ah, Cremilda, meu amor, não mente. Pára! Me engana que eu gosto. Assim vou acabar acreditando...

...

– Mas Cremilda, minha querida, convenhamos que aquela era uma festa atípica. Muita loucura. Repito para você o que disse a Marilza: com dois litros de uísque, caipirinha e dois viagras eu como até tua mãe...

...

– Tá rindo de quê? Pode parar, pode parar.

...

– O quê Cremilda? Eu comi? A dona Zizinha? A tua mãe? Mentira! Mentira tua. Você está me sacaneando...

•••

– Verdade? Mas como ela conseguiu levantar da cadeira de rodas? Não brinca! Eu desfilei pela sala na cadeira de rodas com dona Zizinha nua no colo? E a velha ria e cantava? Puta merda!

•••

– O quê Cremilda? A dona Zizinha nem precisa mais de cadeira de rodas? Doou para o asilo? Milagre, Cremilda! Milagre, Cremilda! Isso é que se pode chamar de verdadeiro milagre.

VI

O telefone tocou. A essa altura já tinha tirado aquele toque imoral e mandei botar a chamada tradicional: meu telefone parecia com os velhos aparelhos pretos feitos de baquelite com buraquinhos numerados para discar. Tttrrrriiimmm. Tttrrrriiimmm. Tttrrrriiimmm. Atendi. Era Marilza. Incrível. A voz dela estava límpida como água mineral. Marilza estava sóbria! E começou a falar me dando um esporro entremeado com palavras morais que nunca tinha ouvido sair da boca dela. Aquele não era o vocabulário de Marilza. Ela falava como um pastor evangélico.

– Quero te dizer que Jesus Cristo me libertou das imposições da bebida, da carne e dos pecados que o Diabo colocou em mim. Estou livre e a liberdade em Cristo me deu plenas condições de dizer...

– Não!

Parei de beber. Mesmo socialmente. Preferi não brincar mais com algo forte e viciante quanto o álcool. Deus me deu um corpo para cuidar. Quero te ajudar também. Sei que você está viciado e acha que bebe controlado. Isso é um sério

problema, mas confio em mim, em Jesus confiou e confio em você.

– Marilza, você virou evangélica!

– Tudo bem, virei sim, agora sou evangélica, crente. Me entreguei a Jesus. E quero você comigo. Descobri que a bebida é fonte de pecados e vícios. Escute bem: por mais de dois mil anos prevaleceu a ideia de que a bebida é diversão, dádiva, só traz alegria. Mentira! Dizia-se que só a embriaguez é pecado. Lutero bebia vinho e era grande bebedor de cerveja. Foi num dia de muita bebida que ele resolveu se revoltar contra as indulgências. Mentira! Calvino recebia todo ano sete tonéis de vinho belga, inspirador das criminosas reformas que ele fez na igreja suiça. Mentira! Calvino morreu bêbado...

– Mas, Marilza...

– Não tem mais nem menos. Será a última vez que falarei a você sobre isso. Sei que você precisa de ajuda e não de acusações. Vem comigo amor: o alcoólatra que aceita Jesus será libertado do vício e se tornará homem de Deus. Por isso estou te ligando. Você foi a primeira pessoa que Jesus me encarregou de salvar. Para alcançar essa graça estou juntando forças com irmãos missionários. Para salvar você, para que você entregue sua vida a Jesus. Vamos aí orar com você.

– Marilza, não estou mais bebendo como naquele dia, como naquela festa. Sei que tenho de maneirar, de dar um breque.

– Eu achei que não fosse ter mais esse tipo de conversa com você. Infelizmente eu estava enganada. Porque vi o seu pior lado. Enquanto estava só me atingindo doía. Quando você escolhe ferir a si próprio e beber até perder os sentidos,

se transformar em chacota ambulante, conforme presenciei, é um mal, uma atitude desprezível e lamentável.

Meu Deus! Que sinuca de bico! Marilza evangélica! Marilza pastora! Marilza curando os bêbados. Quando eu contar a novidade ao Quincas, ao Napô, ao Braguinha – amigos de cervejadas e alegrias – sei que não irão acreditar, pois a coisa mais improvável de acontecer se realizou. Marilza, aquela devassa, virou casaca.

– Não tiro sua razão, Marilza, mas a gente não pode parar assim de repente como você fez.

– Pode sim! Eu pude. Você também poderá! E mamãe está comigo. Só a vovó encasquetou que não quer se entregar a mais ninguém senão a você. A velha está caduca. Mas todos podem, com a graça do Senhor.

– E a sua mãe, a Cremilda? Também virou evangélica? Não acredito.

– Pois acredite. Liga para ela! O que mais me emputeceu foi ver você beijar outra mulher. Você destruiu a nós também, a nossa amizade, nossa relação... Ao te ver agarrado a um poste, às paredes, tentando se equilibrar. Ver as pessoas te sacaneando e te zoando. Todos te tratando como a um bêbado escroto, não deu. Porque não sabem o grande homem que existe por trás dessa criatura bizarra que surge quando você sucumbe à doença, doeu muito!

– Tá certo Marilza, tá certo, reconheço: sou um bêbado! Mas vivendo num país como esse, terra de políticos ladrões, empresários e pastores corruptos, os pastores, sim Marilza, os pastores estão nesse bolo também! Não dá para aguentar tudo isso sem beber umas e outras...

– Claro que dá. Deu para mim, dá para você. Quero que saiba que para mim esse foi o limite! Para mim acabou! E você terá que tomar uma decisão na sua vida. Ou pára de beber ou morra sozinho. Não quero mais. Não admito mais. É doença. Vá se tratar. Ou eu tô fora!

– Mas como você resolveu assim tão rápido? Nem me falou antes, nada, não soube nada.

– Tomei a decisão porque vi você fora de si, sem consciência nem ciência. É triste demais de ver alguém que amamos nesse estado. Aproveita a chance que Jesus está dando. Mais uma dessas e *resolverei de outra maneira e de uma vez por todas.* Ou, conforme eu disse, vá morar longe dos olhos de quem te ama!

Sublinhei a frase porque não quero deixá-la no limbo da amnésia. Já ouviu na TV a história da mulher que virou evangélica e assassinou o marido alcoólatra, porque não conseguiu levá-lo para a igreja? Era o Walter, amigo meu e de Marilza. Ele bebia muito conosco. A esposa dele era amicíssima de Marilza. Walter sumiu. Ao saber notícias na casa dele, me contaram que ele tinha viajado.

Walter nunca mais apareceu. Não manda dinheiro, não manda cartão de natal, não telefona. Aí reparei o quintal da casa de Walter recém concretado. Sem a mangueira sob a qual eu e Walter bebemos tanto. Aí entendi o recado. Não quero ser o próximo. Foi a última vez que eu e Marilza fizemos contato. Nunca mais a encontrei em lugar nenhum.

Aleluia, irmão!

Rio de Janeiro, Cachambi, setembro/outubro de 2017.

Foto de capa extraída da internet